

“ARTE, CULTURA E ACESSIBILIDADE”: A ARTE DE LYGIA CLARK EM EXPERIÊNCIA ESTÉTICA COM CRIANÇAS E JOVENS COM AUTISMO

Renata Caruso Mecca¹

Patrícia Dorneles²

RESUMO

Lygia Clark foi uma artista que rompeu com as fronteiras entre a arte e a vida e caminhou com sua obra para uma experiência de terapia. No centenário de seu nascimento, este trabalho apresenta e analisa as ações do Projeto “Arte, Cultura e Acessibilidade” que investiu na promoção da saúde e cidadania cultural de crianças e adolescentes com autismo a partir de experiências baseadas nas obras da artista.

*

Introdução

O centenário de nascimento de Lygia Clark em 2020 é a inspiração que nos faz retomar a experiência do Projeto “Arte, Cultura e Acessibilidade” desenvolvido durante os anos de 2011 e 2012 a partir de uma iniciativa do antigo Ministério da Cultura (MinC) através da extinta Secretaria de Identidade e Diversidade Cultural (SID) em parceria com o curso de Terapia Ocupacional da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ).

O projeto surge de uma demanda de segmentos da sociedade civil que, observando outras iniciativas de ações de cultura e saúde do Ministério, se mobilizou para que população autista fosse também considerada como um público a ser contemplado na política cultural que se desenhava em interface com o Ministério da Saúde (MS) e outros. A proposta desenvolveu-se na perspectiva da promoção da saúde e cidadania cultural de crianças

¹ Docente do Departamento de Terapia Ocupacional da Universidade Federal do Rio de Janeiro. E-mail: meccadasartes@gmail.com

² Coordenadora do Curso de Especialização em Acessibilidade Cultural, Deptº de Terapia Ocupacional – Faculdade de Medicina/UFRJ. E-mail: patricia.dornelesufrj@gmail.com

e adolescentes com autismo mediante a experimentação estética com a obra de Lygia Clark.

Este relato de experiência tem como objetivo registrar o investimento que a política cultural do período desenvolvida pelo extinto MinC, através da SID, se propunha a construir na interface cultura e saúde pautada na perspectiva da vida em diversidade. O projeto foi desenvolvido em parceria com uma instituição de apoio a crianças com autismo da cidade de São Gonçalo/RJ e se caracterizou, inicialmente, como uma iniciativa experimental, já que não havia no período outra ação dessa natureza. Atualmente, é possível constatar que o projeto, nesse período, também serviu como uma incubadora de experimentação e formação para o que hoje ele tem proporcionado. Alguns alunos bolsistas na época são hoje profissionais formados e, desde o período, atuam com crianças autistas a partir da promoção da experiência estética com as obras de Ligia Clark, produzem pesquisas e dissertações e tem nesta atuação o desenvolvimento de uma tecnologia de interface entre arte, cultura, acessibilidade e saúde.

Em 2007, o MinC e o MS celebraram um Acordo de Cooperação que previa o desenvolvimento de ações conjuntas para a garantia do acesso aos bens e serviços culturais. As políticas decorrentes deste acordo se baseavam no conceito de saúde conquistado pela 13ª Conferência Nacional de Saúde, na qual houve uma ampliação da compreensão de saúde para qualidade de vida e cidadania. Desta maneira, a compreensão do MinC – na época da proposição do projeto – era de cultura como direito social e, portanto, de que os processos de fomento estético, artístico e culturais são elementos que fortalecem a cidadania cultural, promovem qualidade de vida e, assim, são potencializadores de promoção de saúde.

Nesta perspectiva, o projeto se configurou como uma ação cultural e transdisciplinar que visou explorar as habilidades em arte, o potencial criativo e estimular o convívio sociocultural. Tinha como objetivo desenvolver metodologias de intervenção aliadas à expressão estética buscando tecnologias de inclusão sociocultural de crianças e jovens com autismo, tendo como eixo metodológico principal a construção de uma sala plurissensorial onde eram realizadas experiências baseadas nas obras de Lygia Clark. Atuou desde as experiências sensoriais necessárias para a ampliação da comunicação e a construção de processos de subjetivação,

passando pela inclusão sociocultural no território, até aos processos de sensibilização e formação de instituições culturais para a inclusão de metodologias e abordagens de acessibilidade cultural para o público do projeto. Para tal, contou com uma equipe composta por profissionais e estudantes bolsistas das áreas de terapia ocupacional, serviço social, dança, artes visuais, saúde mental e educação.

O presente texto apresenta as fases de execução do projeto e uma análise sobre como a experiência das crianças e jovens envolvidos, no contato com a criação de objetos, performances, jogos sensoriais e instalações, possibilitou a modulação sensorial, a inscrição estética de sua forma de brincar no mundo, a descoberta de novos modos de agir e de estabelecer vínculos. Promove, ainda, uma discussão sobre a acessibilidade estética no contexto da arte contemporânea. Nesse sentido, a experiência com os objetos faz destes uma extensão do próprio corpo da criança para atuar sobre si mesmo, possibilitando que suas ações exploratórias, usualmente significadas como estereotipias, sejam incorporadas às propostas de Lygia Clark e possam criar sentido e produzir linguagem.

Metodologia

A trajetória de Lygia Clark faz dela uma artista atemporal e resistente a categorizações. Lygia estabelece um vínculo com a vida na sua proposta de utilizar objetos do cotidiano (água, conchas, borracha, sementes) e na sua intenção de deslocar o lugar do espectador dentro da instituição de Arte e aproximá-lo de um estado onde o mundo se molda, em constante transformação. Sua obra trata de integrar arte e vida, incorporando a criatividade de quem a experiencia e oferecendo o suporte para que se exprima. Em 1976, Lygia Clark inicia uma fase de seu trabalho com fins terapêuticos, com uma abordagem individual usando os “objetos relacionais” na composição da “Estruturação do Self”. Na dualidade destes objetos (leves/pesados, moles/duros, cheios/vazios), Lygia trabalha o arquivo de memórias dos seus pacientes, os seus medos e fragilidades, mediante o estímulo sensorial. Ela não se limita apenas ao campo estético, mas sobretudo ao atravessamento de territórios da arte (BARBIERI, 2008; BRETT, 2001; CLARK, 1980).

Sua obra buscou a participação do espectador através da sensibilização, expressão gesticular, experimentação sensorial e liberação da imaginação criativa. No contato com suas propostas, adentramos a memória do corpo e somos emancipados do lugar de espectador para fazer parte da obra como acontecimento. Sua trajetória celebra o projeto de religar arte e vida em sua radicalidade, “viver a arte ao invés de fazê-la” nas palavras da própria artista, pela oferta de experiências capazes de atualizar a potência vital e romper com anestesiamientos, favorecendo processos de diferenciação e intensificação de capacidades perceptivas e cognitivas (ROLNIK, 2002; 2015).

O projeto se baseou na obra de Lygia na crença de que trabalhar com a experiência sensível de crianças com autismo abre um leque de possibilidades singulares de modulação sensorial, inscrição de seus modos de existência no mundo, operando uma abertura para a produção da saúde e de acontecimentos em ressonância com as potências de criação e geradoras de uma vida ativa.

As etapas do projeto incluíram as capacitações para os profissionais e extensionistas envolvidos (experiências baseadas na obra de Lygia Clark e produção audiovisual); a fase da intervenção e coleta (10 meses de ações junto às crianças e adolescentes da instituição parceira); e a fase de análise do registro escrito e em vídeo, a produção escrita e de um documentário audiovisual.

Referências na composição de ações no plano sensível

O transtorno do espectro do autismo (TEA) é um transtorno global do desenvolvimento de causa epigenética que ocasiona, em especial, distúrbios sensoriais, além de dificuldades em estabelecer vínculos com pessoas ou situações na interação social-recíproca, na comunicação, no comportamento e na realização das atividades cotidianas. A existência desses distúrbios sensoriais pode afetar negativamente o desenvolvimento e as habilidades funcionais, sejam elas comportamentais, motoras, cognitivas e/ou de nível emocional. As informações sensoriais são importantes para o desenvolvimento da consciência corporal e interação com o ambiente.

Crianças com autismo, entretanto, apresentam problemas de

modular o input sensorial e organizar respostas às exigências do ambiente. Em razão dessa dificuldade de processamento, sentem os estímulos em excesso ou aquém do que é necessário para organizar sua ação no mundo e, então, podem apresentar fuga ou atração extrema a estímulos sensoriais que recebem de objetos e experiências, provocando comportamentos peculiares. Porém são capazes de descobrir novas maneiras de explorar o mundo, permitindo ações criativas e comunicacionais, uma vez que o contato com os objetos é também um contato afetivo.

No projeto, trabalhamos a experimentação sensorial baseada nas propostas de Lygia Clark e seus “objetos relacionais”. Sacos com gel condutor e anilina cuja temperatura mudava de acordo com o manuseio; um grande cobertor de bolinhas de isopor no qual as crianças podiam deitar-se ou sentir as bolinhas de isopor se movendo e se moldando ao corpo; meias de seda que continham bolas pequenas e leves de um lado e do outro uma bola pesada, dando a sensação e dualidade de forças e intensidades são exemplos de objetos que compuseram as propostas lúdicas dentro da área de jogo entre as crianças e os propositores. No contato com os objetos, havia um processo de incorporação destes pelo corpo da criança que promovia a modulação sensorial, a integração dos sentidos e a construção e gestos criativos, estéticos e funcionais na sua relação com o mundo, pois estabeleciam novas formas de agir e de se comunicar.

A origem da subjetividade humana se dá no nível das trocas sensoriais que alcançam registro de códigos significantes, elementos que indicam a presença humana e originam um idioma pessoal (SAFRA, 1999). Uma experiência sensível pode ser considerada uma fonte de prazer que se associa à satisfação de uma necessidade que a criança pode ter. Propiciará à criança uma descoberta de si, que está relacionada à experiência sensorial vivida anteriormente, constituindo então uma experiência estética que engloba sujeito e objeto causador da excitação contribuindo para a constituição do self (ABREU; TAFURI, 2007).

É comum ouvir dos pais das crianças com autismo que elas não brincam ou não sabem brincar, porque ao manipular brinquedos não se atentam a seu conteúdo simbólico ou sua função, mas fixam-se em parte dos brinquedos, estimulados pela sensorialidade. No contato com os

objetos e propostas do projeto, as crianças entravam numa área de jogo em que sua forma peculiar de fazer uso dos objetos podia ser incorporada e ressignificada, pois as propostas não eram conduzidas pela funcionalidade ou conteúdo simbólico dos objetos.

Os objetos de Lygia não têm nome ou função, podem ser objetos e deixar de sê-los quando incorporados ao corpo. Produzem uma fusão ao criar diferentes relações com o corpo por meio de suas texturas, pesos, tamanhos, temperaturas, sonoridades e movimento. Entre dentro e fora, cheio e vazio, ausência e presença, leve e pesado, quente e frio, gera-se um fluxo permitindo dissolver e incorporar objetos que moldam o corpo sem impor tempo, sentido e espaço à experiência. Interligados pelos objetos, propositores e crianças estabeleciam diálogos entre os corpos. Portanto era possível brincar tendo por base o plano sensível, de maneira com que os signos da cultura vigente não se tornavam barreira para o lúdico.

Com o intuito de construir trajetórias de comunicação e de inscrição do gesto e da forma de existência destas crianças na cultura, a arte contemporânea se torna uma grande referência, pois é uma prática de experimentação e problematização que interfere na matéria do mundo, decifra signos, produz sentidos e cria mundos. Libera o mundo de um olhar que reduz às formas constituídas e sua representação para dispor dele como matéria trabalhada pela vida enquanto potência de variação em arranjo de novas composições. Nesse sentido, ao tornar-se obra junto aos objetos, as crianças, com seus modos peculiares, podiam inventar formas de exploração e participar da decifração dos signos das mutações sensíveis, ganhando visibilidade e integrando o mapa vigente (ROLNIK, 2002).

Essa perspectiva de trabalho alinha-se a acessibilidade estética, uma vez que prevê que os diferentes modos de apreensão podem ser incorporados na construção de uma outra ordenação sensível que equipare as oportunidades entre pessoas neurotípicas e atípicas e quebre as hierarquias entre os modos de acessar, apreciar, fruir. Portanto, envolve o conhecimento das necessidades cognitivas, perceptuais e sensíveis de cada público; mas também a experimentação por todos de diversos modos de acessar o mundo, contribuindo para a participação e diversidade cultural (KASTRUP, V.; VERGARA, L.G., 2012; KASTRUP, 2015).

Resultados

Como resultados temos que a experiência dos jovens e crianças envolvidos com as performances, jogos sensoriais e instalações criadas, possibilitou a descoberta de potenciais, habilidades e novas formas de agir, de se comunicar e de estabelecer vínculos.

A experiência estética promovida pelas ações permitiu a composição de um plano sensível, evocou forças que constituíam a subjetividade, conectou os participantes sensorialmente ao entorno e engendrou processos de singularização que conjugavam o contato com o corpo, a modulação, a integração e o contorno do que é vivido sensorialmente, o conhecimento de si, do mundo, a exploração do espaço a partir do gesto criativo, potencializando modos de existência e produções até então em isolamento.

As ações operavam em um conjunto plurissensorial, que reintegrava os sentidos do corpo para promover um espaço sensorialmente vivido e reconectar interior e exterior, conhecedor e conhecido. Além disso, eram objetos que envolviam o corpo, produziam uma certa amarração do corpo e, portanto, configuravam dispositivos paradoxais de contenção e libertação. Por vezes, funcionavam como um filtro para o excesso de estímulos que o ambiente apresentava; por outras, como instrumento mediador do contato com os propositores integrantes da equipe, com outros objetos e na comunicação gestual e verbal. Essas experimentações sensoriais colocavam as crianças em ação e em contato com novas situações, possibilitando vivenciar de outra maneira atividades cotidianas, criando espaço para a realização de desejos e experimentação de si.

Conclusão

Numa preparação para vida, como a própria Clark referia, o contato com os objetos compostos de materiais que podem ser análogos a órgãos e ritmos do corpo, produzem experiências que conduzem a uma forma de conhecimento de si a partir do despertar dos sentidos das marcas sensoriais que constituem a subjetividade (BRETT, 2001).

A obra de Lygia Clark nos inspirou a ofertar jogos, objetos e proposições

que criavam fendas na cultura para dar visibilidade a experimentação sensorial que estas crianças faziam do mundo, e também uma abertura seus universos dotados de signos próprios de comunicação e atos constituintes de uma estrutura defensiva e filtradora do excessivo do mundo. Desta maneira, seus modos de existir e agir podiam ser incorporados em experiências compartilhadas e ressignificadas na composição estética. Foram experiências de encontro que permitiram dissolver clínica e arte em um mesmo processo em que se fortaleceu a percepção de si e a criação de mundos.

Assim como fez Lygia com suas pinturas, ao desenquadrá-las, o projeto objetivou tirar as molduras impostas pelas descrições de sintomas e quadros clínicos, e atingir o humano em sua totalidade, reconstruindo sua “elasticidade” para que pudesse expandir e recolher ao se relacionar com o mundo. Criou-se assim, num movimento vividamente lúdico, experiências intensas individuais e coletivas de todos que se lançaram ao encontro entre os corpos, os objetos e a arte como acontecimento.

REFERÊNCIAS

ABREU, I. G. H. e TAFURI, M. I. Além do possível: investigações acerca do originário na clínica da criança autista. In: **Estilos clín.**, vol.12, no.23, Dez 2007. p.166-181.

BARBIERI, C.P. Da vida à arte e de volta à vida: o sujeito em Lygia Clark. In: **CÓGITO** n.9.Salvador, out. 2008. p.10-18. BRETT, G. Lygia Clark: seis células. In: BASBAUM, R. (org.). **Arte Contemporânea Brasileira**. Rio de Janeiro: Rios, 2001. p.31-53.

CLARK, L. **Textos de Lygia Clark, Ferreira Gullar e Mário Pedrosa**. Rio de Janeiro: FUNARTE, 1980.

KASTRUP, V.; VERGARA, L.G. A potência do experimental nos programas de acessibilidade: Encontros Multissensoriais no MAM Rio. In: **Cadernos de Subjetividade** (PUCSP), v. 14, 2012. p. 62-77.

KASTRUP, V. O tátil e o háptico na experiência estética: considerações sobre arte e cegueira. In: **Revista Trágica**: estudos de filosofia da imanência, v. 8, n. 3, 2015. P. 69-85.

ROLNIK, S. Subjetividade em obra: Lygia Clark, artista contemporânea. In: **Revista do Departamento de História e Programa de Estudos Pós-Graduados Em História da Puc Sp**. São Paulo, v. 25, n. Dezembro, 2002. p. 43-54.

ROLNIK, S. Lygia Clark e o híbrido arte/clínica. In: **Concinnitas (Online)**. Rio de Janeiro, v. 1, 2015. p. 104-112.

SAFRA, G. **A face estética do self** – teoria e clínica. São Paulo: Unimarco, 1999.